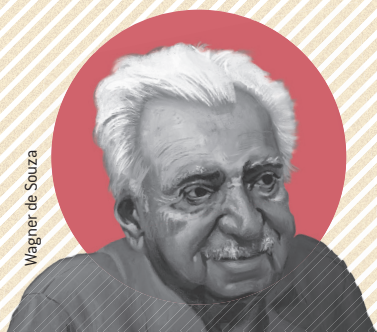




Caro(a) estudante,

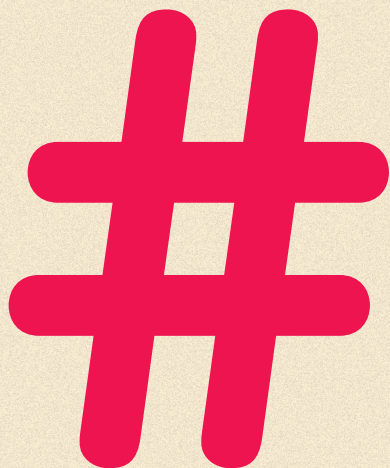
A literatura é a arte da palavra. Por meio dela, podemos conhecer histórias, personagens e épocas fascinantes. Cada romance, conto, poema ou peça de teatro, por exemplo, é capaz de nos transportar para realidades e situações que jamais imaginamos.

A coleção #ligado_na_obra foi criada para aproximar você dos grandes clássicos da literatura. Em cada volume apresentamos um percurso que possibilitará conhecer as características de obras literárias que influenciaram nossa cultura.

Além disso, você terá à sua disposição questões especialmente selecionadas que serão grandes aliadas na sua preparação para os principais vestibulares do país.

Aproveite esse material ao máximo, mas não se esqueça: nenhuma análise de obra literária poderá substituir a leitura integral e atenta do original!

Bons estudos!



ligado_na_obra

<Capitães da areia>

@Jorge_Amado



Todos os direitos reservados à
EDITORA FTD
Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP
CEP: 01326-010 – Tel.: (0-XX-11) 3598-6000 – Fax: (0-XX-11) 3598-6463
Caixa Postal: 65149 – CEP da Caixa Postal: 01390-970
Site: www.ftdse.com.br
Atendimento ao cliente: 0800-729-3232 – atendimento@ftdse.com.br
Ano de publicação: 2017

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
Avenida Antonio Bardella, 300
Tel.: (0-XX-11) 3545-8600 – Fax: (0-XX-11) 2412-5375
CEP: 07220-020 – Guarulhos – SP

Diretor Editorial

Lauri Cericato

Gerente Editorial

Sandra Carla Ferreira de Castro

Elaborador de Original

Emmanuel Santiago

Editor

Júlio César D. da Silva Ibrahim

Colaboradora

Ana Araújo

Gerente de Produção Editorial

Mariana Milani

Coordenadora de Produção Editorial

Luzia Estevão Garcia

Coordenadora de Preparação e Revisão

Lilian Semenichin

Supervisora de Preparação e Revisão

Adriana Soares de Souza

Preparação e Revisão

Equipe FTD

Coordenador de Iconografia e Licenciamento de Textos

Expedito Arantes

Supervisora de Iconografia e Licenciamento de Textos

Elaine Bueno

Pesquisa

Gabriela Araújo

Crédito de Imagem da Capa

Wagner de Souza

Coordenadora de Ilustrações e Cartografia

Marcia Berne

Gerente de Arte

Ricardo Borges

Coordenadora de Arte

Daniela Máximo

Supervisora de Arte

Flávia Yamamoto Boni

Projeto Gráfico e Capa

Flávia Yamamoto Boni

Editor de Arte

Carlos Ferreira

Diagramação

Wendel Freitas

Diretor de Operações e Produção Gráfica

Reginaldo Soares Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

FTD sistema de ensino: # ligado_ na_ obra. --
São Paulo: FTD, 2017.

ISBN 978-85-96-00754-2

1. Literatura [Ensino médio].

16-07587

CDD-807

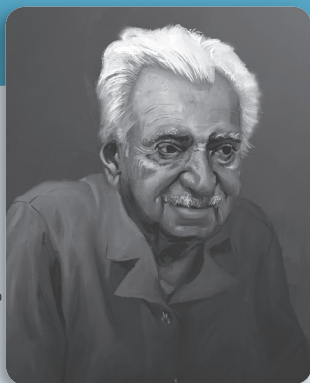
Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura : Ensino médio 807

Envidamos nossos melhores esforços para localizar e indicar adequadamente os créditos dos textos e imagens presentes nesta obra didática. No entanto, colocamo-nos à disposição para avaliação de eventuais irregularidades ou omissões de crédito e consequente correção nas próximas edições.

As imagens e os textos constantes nesta obra que, eventualmente, reproduzam algum tipo de material de publicidade ou propaganda, ou a ele façam alusão, são aplicados para fins didáticos e não representam recomendação ou incentivo ao consumo.

1ª edição – 2017 – 1 2 3 4 5 6 7 8 9



Jorge Leal Amado de Faria

@Jorge_Amado BA (1912-2001)

Romancista, contista, biógrafo e político.

Movimento

Modernismo (segunda fase)

Influências

José Lins do Rego,
Zélia Gattai e Gorki

Influenciados

Mia Couto e
Gabriel García Márquez

Histórico

Filho de João Amado de Faria e Eulália Leal Amado, Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, Bahia. Com 1 ano de idade, mudou-se para Ilhéus, de onde sairia para completar os estudos secundários em Salvador, em 1928, quando começou a trabalhar na imprensa e ingressou na vida literária. Seu primeiro livro, **O país do Carnaval**, foi publicado em 1931. Em 1935, já no Rio de Janeiro, formou-se pela Faculdade Nacional de Direito. Entre 1941 e 1942, exilou-se no Uruguai e na Argentina devido à sua militância junto ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), retornando ao Brasil em 1944. No ano seguinte, foi eleito deputado federal pelo estado de São Paulo. Em 1947, exilou-se novamente, desta vez na Europa. Voltou ao país em 1955 e, na mesma época, abandonou a militância política, passando a dedicar-se exclusivamente à literatura. Em 1961, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras.

Mais informações

A obra de Jorge Amado é, até hoje, uma das mais populares da literatura nacional, tendo originado várias adaptações para o cinema e a televisão. Internacionalmente, o autor de **Capitães da areia** é um dos escritores brasileiros mais conhecidos, com seus livros traduzidos para mais de 49 idiomas.

Principais obras

Cacau (1933)
Jubiabá (1935)
Mar morto (1936)
Capitães da areia (1937)
Gabriela, cravo e canela (1958)
A morte e a morte de Quincas
Berro D'água (1959)
Tieta do Agreste (1977)

A_obra

Capitães da areia

Movimento: Modernismo

<Resumo>

Capitães da areia conta a história de um grupo de aproximadamente cem meninos de rua, entre 8 e 16 anos, que vive de furtos e assaltos na cidade de Salvador. Liderados por Pedro Bala, os garotos se escondem em um armazém portuário abandonado – um trapiche – e são chamados de “Capitães da areia”, por atuarem próximos à área do cais.

Os delitos cometidos pelos garotos são tratados pelo narrador como “aventuras”, e a primeira delas é a invasão de uma casa, para que Pedro Bala, com o apoio de João Grande e Gato, possa interceptar um pacote de cartas de amor. Em outro momento, o protagonista, a pedido da mãe de santo Don’Aninha, infiltra-se na delegacia para resgatar uma estátua de Ogum apreendida pela polícia em um terreiro de candomblé. Ambas as aventuras, levadas a cabo com êxito pelo líder dos Capitães, demonstram a coragem e a astúcia do personagem, que ganha contornos heroicos ao longo da história, a despeito do estupro de uma “negrinha” no areal, do qual ele acaba se arrependendo.

Os Capitães da areia são garotos precocemente amadurecidos por conta da luta diária pela sobrevivência, por isso sexualidade e violência são tratadas com naturalidade entre eles. Contudo, em alguns momentos, é possível vislumbrar o caráter infantil dos personagens, como no episódio em que o dono de um carrossel itinerante contrata Sem-Pernas e Volta Seca para tomar conta do brinquedo e fazê-lo funcionar. No final do expediente, todos os garotos do grupo têm a oportunidade de rodar no carrossel. Por alguns instantes, eles desfrutam da infância que lhes fora negada, em razão de uma vida de carência afetiva e econômica.

Quando a cidade de Salvador é acometida por um surto de alastrim (um tipo menos agressivo de varíola), um dos garotos do grupo, Almiro, contrai a doença. A lei determina que os casos de contaminação sejam reportados à saúde pública e os enfermos, recolhidos ao lazareto, local onde eram abrigadas as pessoas com doenças contagiosas. Como se pode imaginar, as condições desse local eram precárias: dificilmente alguém levado para lá se recuperava ou sobrevivia. Diante disso, Almiro é levado para a casa de sua mãe, com a ajuda do padre José Pedro, que acoberta o caso. Entretanto, o médico que o atende alerta as autoridades e o garoto não escapa do trágico lazareto, de onde nunca mais volta.

Entre as vítimas do alastrim também estão os pais de Dora e Zé Fuinha. Sem ter aonde ir, a garota e seu irmão menor encontram João Grande e Professor, que os levam ao trapiche, dando início a uma discussão. Os demais integrantes do grupo, encabeçados por

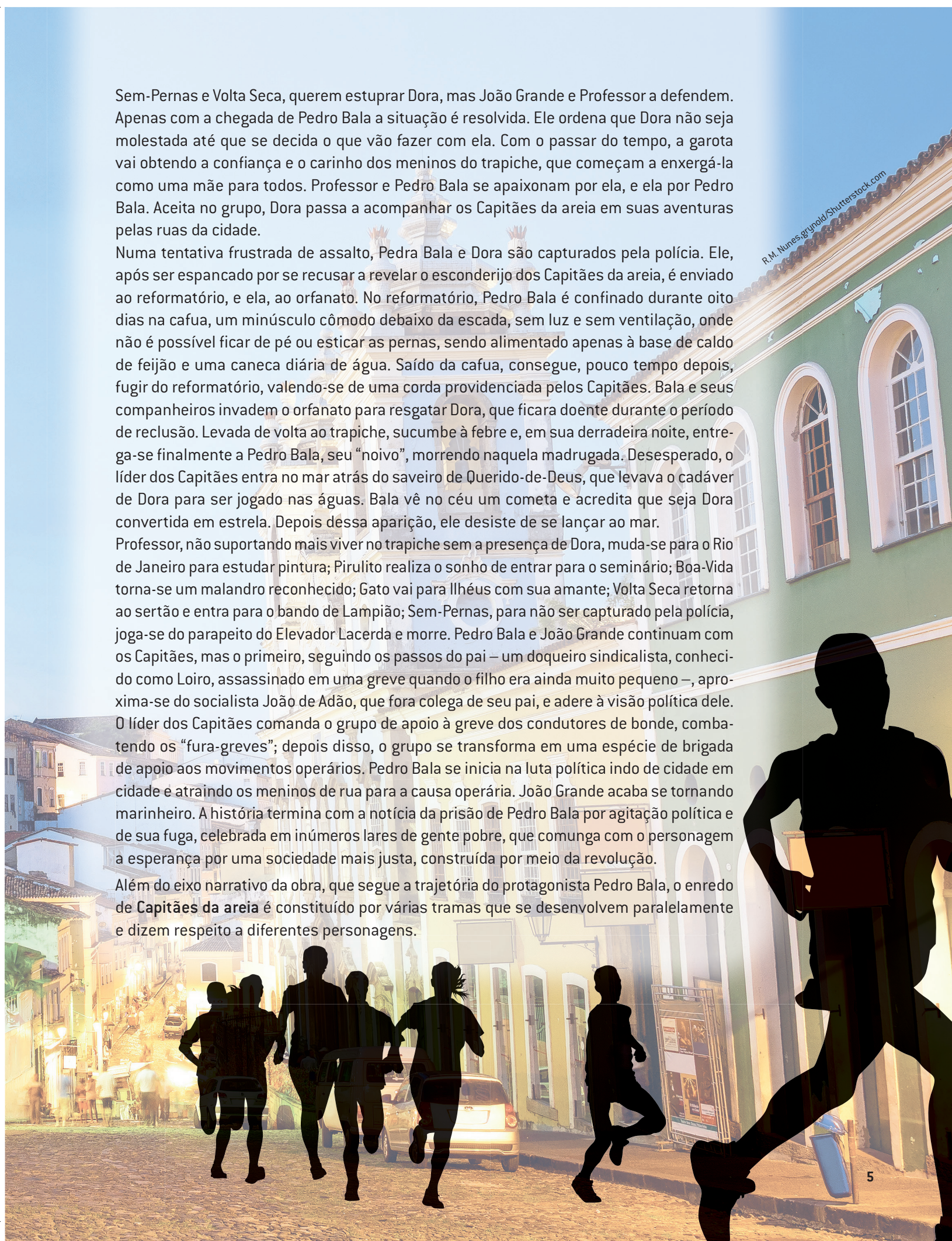


Sem-Pernas e Volta Seca, querem estuproar Dora, mas João Grande e Professor a defendem. Apenas com a chegada de Pedro Bala a situação é resolvida. Ele ordena que Dora não seja molestada até que se decida o que vão fazer com ela. Com o passar do tempo, a garota vai obtendo a confiança e o carinho dos meninos do trapiche, que começam a enxergá-la como uma mãe para todos. Professor e Pedro Bala se apaixonam por ela, e ela por Pedro Bala. Aceita no grupo, Dora passa a acompanhar os Capitães da areia em suas aventuras pelas ruas da cidade.

Numa tentativa frustrada de assalto, Pedro Bala e Dora são capturados pela polícia. Ele, após ser espancado por se recusar a revelar o esconderijo dos Capitães da areia, é enviado ao reformatório, e ela, ao orfanato. No reformatório, Pedro Bala é confinado durante oito dias na cafua, um minúsculo cômodo debaixo da escada, sem luz e sem ventilação, onde não é possível ficar de pé ou esticar as pernas, sendo alimentado apenas à base de caldo de feijão e uma caneca diária de água. Saído da cafua, consegue, pouco tempo depois, fugir do reformatório, valendo-se de uma corda providenciada pelos Capitães. Bala e seus companheiros invadem o orfanato para resgatar Dora, que ficara doente durante o período de reclusão. Levada de volta ao trapiche, sucumbe à febre e, em sua derradeira noite, entrega-se finalmente a Pedro Bala, seu “noivo”, morrendo naquela madrugada. Desesperado, o líder dos Capitães entra no mar atrás do saveiro de Querido-de-Deus, que levava o cadáver de Dora para ser jogado nas águas. Bala vê no céu um cometa e acredita que seja Dora convertida em estrela. Depois dessa aparição, ele desiste de se lançar ao mar.

Professor, não suportando mais viver no trapiche sem a presença de Dora, muda-se para o Rio de Janeiro para estudar pintura; Pirulito realiza o sonho de entrar para o seminário; Boa-Vida torna-se um malandro reconhecido; Gato vai para Ilhéus com sua amante; Volta Seca retorna ao sertão e entra para o bando de Lampião; Sem-Pernas, para não ser capturado pela polícia, joga-se do parapeito do Elevador Lacerda e morre. Pedro Bala e João Grande continuam com os Capitães, mas o primeiro, seguindo os passos do pai – um doqueiro sindicalista, conhecido como Loiro, assassinado em uma greve quando o filho era ainda muito pequeno –, aproxima-se do socialista João de Adão, que fora colega de seu pai, e adere à visão política dele. O líder dos Capitães comanda o grupo de apoio à greve dos condutores de bonde, combatendo os “fura-greves”; depois disso, o grupo se transforma em uma espécie de brigada de apoio aos movimentos operários. Pedro Bala se inicia na luta política indo de cidade em cidade e atraindo os meninos de rua para a causa operária. João Grande acaba se tornando marinheiro. A história termina com a notícia da prisão de Pedro Bala por agitação política e de sua fuga, celebrada em inúmeros lares de gente pobre, que comunga com o personagem a esperança por uma sociedade mais justa, construída por meio da revolução.

Além do eixo narrativo da obra, que segue a trajetória do protagonista Pedro Bala, o enredo de **Capitães da areia** é constituído por várias tramas que se desenvolvem paralelamente e dizem respeito a diferentes personagens.



R.M. Nunes grunold/Shutterstock.com

#Aspectos_gerais_da_obra

<Jorge Amado e a geração literária de 1930>

A obra de Jorge Amado faz parte da segunda fase do Modernismo brasileiro. Enquanto a primeira fase (geração de 1922) caracterizava-se por uma ênfase estética, isto é, nos aspectos formais e técnicos da escrita, como o aproveitamento literário da linguagem coloquial, o verso livre, o experimentalismo narrativo, entre outros, a segunda fase (geração de 1930) manifesta uma ênfase ideológica, que consiste em uma preocupação com a dimensão política, econômica e social da experiência humana.

Especificamente na prosa, a segunda fase do Modernismo brasileiro assume uma feição regionalista, representando sobretudo a realidade dos indivíduos das classes menos favorecidas que vivem fora do eixo dos principais centros urbanos do país – localizados na região Sudeste –, com predomínio da ambientação nordestina. Afastando-se tanto do vanguardismo da primeira fase do Modernismo como da tendência idealizante do regionalismo romântico, o chamado “romance de 30” é tido como um representante no Brasil do Neorrealismo, corrente internacional que retoma a análise social da literatura da segunda metade do século XIX sob uma perspectiva mais crítica, fundada em ideias marxistas.

O engajamento político de esquerda é uma característica evidente da obra de Jorge Amado até meados da década de 1950, quando o autor passa a produzir uma literatura mais voltada à crônica de costumes provincianos e à composição de um universo ficcional sensual e pitoresco. Embora no regionalismo de 1930 predomine a tematização da vida do homem do campo, em romances como *Suor* (1934) e *Capitães da areia* (1937), Jorge Amado debruça-se sobre a realidade dos habitantes pobres da capital baiana.

<Linguagem em Capitães da areia>

Na obra de Jorge Amado, de maneira geral – e especificamente em *Capitães da areia* –, verifica-se a utilização de uma linguagem mais coloquial por meio do aproveitamento de recursos orais, como a incorporação de regionalismos linguísticos e construções sintáticas que procuram reproduzir a espontaneidade da fala do dia a dia:

[...] É velho e desbotado o carrossel de Nhozinho França. Mas tem a sua beleza. Talvez esteja nas lâmpadas, ou na música da pianola (velhas valsas de perdido tempo), ou talvez nos ginetes de pau. Entre eles tem um pato que é para sentar dentro os mais pequenos. Tem a sua beleza, sim, porque a opinião unânime dos Capitães da areia é que ele é maravilhoso. Que importa que seja velho, roto e de cores apagadas se agrada às crianças? [...]

Na passagem citada, predomina a coordenação sobre a subordinação e os períodos curtos e, em sua maioria, simples. Em “entre eles *tem* um pato”, percebe-se o emprego do verbo *ter* em substituição a *haver*, típico da linguagem coloquial. Além disso, no mesmo período, a expressão “que é” trata-se de uma adição dispensável, que só se justifica pela tentativa de reproduzir o andamento da fala. Eis outra passagem em que é possível enxergar o coloquialismo do narrador:

“Era também sentir junto a si o cabelo loiro de Dora, ouvir ela contar as coisas do morro [...]”



No caso, “ouvir ela”, em vez de “ouvi-la”, é característico da comunicação oral da língua portuguesa em situações informais.

Em relação ao discurso das personagens, a coloquialidade é ainda mais destacada, pois o autor procura oferecer uma representação fidedigna da maneira como falavam as pessoas simples do universo social e cultural representado:

[...]

– Tu ainda tem uma peitama bem boa, hein, tia?

A negra sorriu:

– Esses meninos de hoje não respeita os mais velho, compadre João de Adão. Onde já se viu um capetinha destes falar em peito pra uma velha encongrujada como eu?

[...]

As marcas de coloquialidade nessa passagem são várias: a mistura da segunda pessoa do singular com a terceira (“*tu ainda tem*”); o uso de termos como “peitama” e “encongrujada” e da forma “*pra*” no lugar de *para*; a ausência de concordância verbal (“*esses meninos de hoje não respeita*”) e nominal (“*os mais velho*”).

Outra característica estilística fundamental da prosa de Jorge Amado é a alternância entre o registro documental e o poético: o autor reveza momentos em que procura representar da maneira mais explícita possível as circunstâncias materiais da existência de seus personagens (visando muitas vezes à denúncia da injustiça e da violência) e outros em que o lirismo rouba a cena, invocando imagens emocionalmente sugestivas num tom patético (aqui entendido como aquilo que é capaz de comover o leitor).

Vejamos a diferença entre esses dois registros; o documental, primeiramente:

[...] Nestas noites de chuva eles não podiam dormir. De quando em vez a luz de um relâmpago iluminava o trapiche e então se viam as caras magras e sujas dos Capitães da areia [...]. Ficavam todos juntos, inquietos, mais sós todavia, sentindo que lhes faltava algo, não apenas uma cama quente num quarto coberto, mas também doces palavras de mãe ou de irmã que fizessem o temor desaparecer. Ficavam todos amontoados e alguns tiritavam de frio, sob as camisas e calças esmolambadas. Outros tinham paletós furtados ou apanhados em lata de lixo, paletós que utilizavam como sobretudo [...]

Agora, o poético:

[...] A cidade dormiu cedo. A lua iluminava o céu, vem a voz de um negro do mar em frente. Canta a amargura da sua vida desde que a amada se foi. Até o negro João Grande ronca estirado na porta, o punhal ao alcance da mão. Somente Pedro Bala vela, estirado na areia, olhando a lua, ouvindo o negro que canta as saudades da sua mulata que partiu. O vento traz trechos soltos da canção e ela faz com que Pedro Bala procure Dora no meio das estrelas do céu. Ela também virou uma estrela, uma estranha estrela de longa cabeleira loira. Os homens valentes têm uma estrela em lugar do coração. Mas nunca se ouviu falar de uma mulher que tivesse no peito, como uma flor, uma estrela. [...]

Comparando os fragmentos, percebe-se que, enquanto no primeiro o interesse do autor está em demonstrar as precárias condições de vida dos meninos, no segundo a intenção é criar uma descrição poética que sugira ao leitor o estado de espírito de Pedro Bala.



<Aspectos narrativos em Capitães da areia>

Em *Capitães da areia* temos um narrador impessoal em 3ª pessoa, do tipo onisciente. Entretanto, Jorge Amado utiliza-se de outros procedimentos narrativos para compor sua história. Um recurso que salta aos olhos logo no começo do livro é a utilização de gêneros textuais jornalísticos, como a reportagem, e do gênero epistolar (cartas) de maneira a introduzir os elementos da história. É por meio de uma reportagem que ficamos sabendo, por exemplo, da atuação dos Capitães da areia em Salvador; o mesmo recurso é utilizado mais ao final do livro, no capítulo “Notícias de jornal”, para nos apresentar o destino de Professor, Gato, Boa-Vida e Volta Seca.

Outro recurso frequente é o do *flashback*, por meio do qual informações sobre o passado dos personagens são evocadas pelo narrador no meio da ação presente, rompendo com a linearidade do relato que, em geral, segue a ordem cronológica. No capítulo “Aventura de Ogum”, por exemplo, a narração do planejamento de invasão da delegacia é interrompida ao longo de algumas páginas para que nos seja contada a história de como Professor conseguira seu sobretudo.

Em algumas passagens, o autor utiliza-se da técnica do monólogo interior, também conhecida como fluxo de consciência, para representar o pensamento vivo dos personagens, reproduzindo o caráter geralmente desordenado da experiência psíquica, que se estrutura por meio da livre associação de ideias. Entretanto, em vez de o leitor ter acesso exclusivamente ao pensamento dos personagens por meio dessa técnica, este se mistura à voz narrativa num arranjo complexo, obtido



mediante o uso do discurso indireto livre. Aqui, as reticências pontuam o caráter descontínuo das ideias, que vão se sucedendo parataticamente, isto é, por meio da justaposição e não por uma coesão que organize o discurso de maneira lógica e linear:

[...] Ele [padre José Pedro] estava errado, perdera aqueles dois anos de tanto trabalho. Pensara em levar tantas crianças a Deus... Crianças extraviadas... Será que elas tinham culpa? Deixai vir a mim as criancinhas... Cristo...



Fotos: Emílio Bastos/Opção Brasil Imagens; grynold/ Shutterstock.com

Era uma figura radiosa e moça. Os sacerdotes também disseram que ele era revolucionário. Ele queria as crianças... Ai de quem faça mal a uma criança... A viúva Santos era protetora da Igreja... Será que ela também ouvia a voz de Deus? Dois anos perdidos... Fazia concessões, sim, fazia. Senão, como tratar com os Capitães da areia? Não eram crianças iguais às outras... Sabiam tudo, até os segredos do sexo. [...]

Em comparação com o experimentalismo da primeira fase modernista, a prosa regionalista parece restrita a um modelo narrativo mais convencional. Porém, a inclusão de expedientes literários próprios da modernidade demonstra que esse convencionalismo é relativo e que não estamos diante de uma retomada do tipo de narrativa que se produzia no século XIX. De fato, a aventura modernista de 1922 alargou o campo das possibilidades estéticas, dando maior liberdade aos escritores e flexibilidade às formas literárias, e isso se verifica em *Capitães da areia*. Aqui, expedientes como a fusão de gêneros textuais, o *flashback* e o fluxo de consciência emprestam um caráter moderno à narrativa.

Um último aspecto da composição da obra a ser mencionado é a mescla de uma notação realista – que se presta à denúncia social e, por vezes, remete à carnalidade violenta dos romances naturalistas – com elementos típicos de um folhetim romântico e do melodrama – como o caráter aventureiro que a vida dos Capitães assume, o caráter heroico do protagonista Pedro Bala, a influência do acaso no desenvolvimento da trama (quando, por exemplo, Sem-Pernas escolhe para si justamente o nome do filho morto de dona Ester), a exploração sentimentalista de alguns acontecimentos (a morte de Dora após se entregar a Pedro Bala, prova de um amor que se eterniza no além) e a visão maniqueísta que divide o mundo entre bons (os pobres) e maus (os ricos). Essa mescla, aparentemente, revela o intuito de entreter o leitor, mas também o conscientiza das mazelas sociais, combinando uma visão crítica da realidade com expedientes de uma literatura de apelo popular. ■

#Contexto_histórico

A década de 1930, tanto no Brasil como no mundo, foi um período de grande tensão. Na Europa, a democracia de cunho liberal dava mostras de esgotamento, e propostas políticas radicais, como o fascismo e o comunismo, propagavam-se rapidamente na esteira da instabilidade criada pela Primeira Guerra Mundial e a Crise de 1929. Criou-se um clima de acirrada polarização política, que eclodiria de maneira trágica na Guerra Civil Espanhola de 1936, sinistro preâmbulo da Segunda Grande Guerra.

No Brasil, a crise da produção cafeeira resultava na decadência das oligarquias que sustentavam o arranjo político da República Velha. Em 1930, setores descontentes de tais oligarquias implementaram um golpe de Estado que levou Getúlio Vargas ao poder. Vargas ficaria à frente do Estado brasileiro até 1945, inicialmente como chefe do governo provisório, depois como presidente eleito pela Assembleia Constituinte e, finalmente, na condição de ditador após o golpe de 1937, que, a pretexto de defender o país de uma suposta ameaça comunista, estabelecendo uma ordem política autoritária (o Estado Novo) de inspiração fascista. Nessa conjuntura, verifica-se também, a exemplo do que ocorria na Europa, uma intensa polarização ideológica: de um lado, o integralismo – versão nacional dos partidos fascistas europeus – e do outro, as forças de esquerda, encabeçadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ainda à direita, a Igreja Católica exercia influência significativa sobre o ambiente político, catalisando grande parte do conservadorismo das elites.

Muitos escritores brasileiros da época sentiram-se impelidos a marcar posição, tomando o caminho de uma literatura comprometida com um projeto de transformação da realidade social. Entre eles, destacou-se Jorge Amado (filhado ao PCB), ao lado de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Alguns desses escritores chegaram a ser perseguidos pelo regime varguista, como o próprio Jorge Amado, preso duas vezes e enviado ao exílio, chegando a ter mil exemplares de livros seus queimados pela polícia em praça pública na cidade de Salvador.

A fase engajada da obra amadiana estende-se desde **Cacau** (1933) até **Subterrâneos da liberdade** (1954), incluindo o romance **Capitães da areia**.

O interesse da literatura de 1930 pelas diversas realidades regionais e pelos problemas do país coincidiu com uma corrente de estudos que buscava compreender as raízes do atraso nacional em seus aspectos históricos, sociológicos e econômicos. Em 1933, Gilberto Freyre publica



Casa-grande & senzala, pesquisa inovadora sobre as origens patriarcais da cultura brasileira; em 1936, Sérgio Buarque traz a lume **Raízes do Brasil**, em que propõe analisar o *éthos* do povo brasileiro; Caio Prado Júnior, por sua vez, procurava compreender o processo histórico que formou a sociedade brasileira com base nas categorias do pensamento marxista, esforço que resultaria, já na década seguinte, em **Formação do Brasil contemporâneo** (1942). Havia um esforço generalizado por parte da intelectualidade brasileira em conhecer mais a fundo a realidade nacional, para além dos lugares-comuns românticos e dos preconceitos cientificistas do século XIX.

Particularmente, a obra de Jorge Amado está ligada ao ciclo econômico do cacau, que se desenvolveu a partir do final do século XIX, quando o fruto começou a ser produzido em larga escala no sul da Bahia, visando à exportação e dando origem a uma oligarquia poderosa. Tal produção conheceria seu primeiro baque significativo apenas em 1929, com a crise da Bolsa de Nova York, sendo que, em 1931, o governo criava o Instituto do Cacau da Bahia (ICB), para socorrer os produtores em dificuldades. Em **Cacau** (1933), **Terras do sem fim** (1943) e **São Jorge de Ilhéus** (1944), Jorge Amado aborda diretamente a sociedade criada em torno da cultura cacauzeira. Já em **Capitães da areia**, a prosperidade advinda do cacau aparece relacionada ao incremento da prostituição no sul da Bahia, o que atrai Dalva e, conseqüentemente, Gato para a região:

[...] Os navios chegam a Ilhéus carregados de mulheres. Mulheres que vêm da Bahia, de Aracaju, o mulherio todo de Recife, mesmo do Rio de Janeiro. Os gordos coronéis olham das pontes a chegada das mulheres. Morenas, loiras e mulatas vêm em busca deles. Porque a notícia da alta do cacau correu pelo país todo. A notícia de que numa cidade relativamente pequena como Ilhéus estavam abertos dois cabarés. Que os coronéis queimavam nas noites de jogo e de champanha notas de quinhentos mil-réis. Que pela madrugada saiam nus pelas ruas da cidade, formando o chamado “terno do Y”. A notícia corria pelas ruas de mulheres perdidas. Os caixeiros-viajantes levavam a notícia [...]

#Personagens

PIRULITO

Garoto magro e alto, de tez amarelada, olhos encovados e semblante sério. É religioso e se sente vocacionado para o sacerdócio. Experimenta um conflito entre sua religiosidade e os crimes que é obrigado a cometer para sobreviver. Antônio é seu nome verdadeiro.

PROFESSOR

O mais inteligente e instruído dos Capitães da areia, possui dons artísticos e gosta de ler e contar histórias para seus companheiros. É míope, franzino e tem cabelos negros. Veste um sobretudo de tamanho maior que o adequado, furtado de um estrangeiro. Seu nome verdadeiro é João José.

PEDRO BALA

Líder dos Capitães da areia, corajoso e astuto. Tem 15 anos de idade, é louro e carrega uma cicatriz no rosto, causada por um golpe de navalha. Seu pai, conhecido como Loiro, foi um doqueiro morto à bala durante uma greve, por isso o apelido do personagem.

QUERIDO-DE-DEUS

Pescador e capoeirista habilidoso, dá lições dessa luta a Pedro Bala, João Grande e Gato.

BOA-VIDA

Mulato baixinho, troncudo e feio é preguiçoso, gosta de música e acaba se tornando um perfeito malandro.

JOÃO DE AÓÃO

Estivador, negro e muito forte, imbuído de ideias revolucionárias; foi amigo de Loiro, o pai de Pedro Bala.

JOÃO GRANDE

Negro alto e musculoso, o mais forte do bando, embora tenha apenas 13 anos. Não é muito inteligente e é bondoso com os outros garotos. Ele e Professor são os principais parceiros de Pedro Bala.

PADRE JOSÉ PEDRO

Padre humilde, bondoso, de origem operária e de parcos dotes intelectuais; aproxima-se dos Capitães da areia pretendendo oferecer a eles conforto espiritual. Procura sempre ajudar os garotos, mesmo quando é preciso violar algumas regras.

DORA

Bonita, de olhos grandes, cabelos louros, tem entre 13 e 14 anos. Depois que os pais morrem no surto de alastrim, ela e o irmão, Zé Fuinha, terminam no trapiche dos Capitães da areia. Vencida a resistência inicial dos garotos, a menina conquista a afeição do grupo, que a vê como uma mãe. Ela e Zé Bala são apaixonados um pelo outro.

DALVA

Prostituta e amante de Gato. Tem cerca de 35 anos de idade.

GATO

Bonito, alto e de modos sedutores, possui a pele clara e rosada. Gosta de se vestir elegantemente, tem 14 anos, é esperto e trapaceia no jogo. Vive um caso com a prostituta Dalva.

ZÉ FUINHA

Irmão mais novo de Dora.

VOLTA SECA

Mulato do sertão de Sergipe, de rosto sombrio. Afilhado de Lampião, sonha em entrar para o seu bando. É cruel, violento e sabe imitar com perfeição o som dos animais. O personagem é inspirado em um cangaceiro real, de mesmo nome, autor de cantigas de sucesso como "Mulher rendeira" e "Acorde, Maria Bonita".

DON'ANINHA

Mãe de santo amiga dos Capitães da areia. É magra, alta e possui um porte altivo.

SEM-PERNAS

Deficiente físico, coxeia ao andar e se aproveita de sua condição para obter a piedade das pessoas e se infiltrar na casa delas para roubá-las. Desde que fora torturado pela polícia, desenvolveu um ódio generalizado contra a humanidade, o que o faz ser cruel inclusive com os companheiros do grupo.

Wagner de Souza

#Leitura_crítica

Para compreender **Capitães da areia** é preciso levar em conta suas motivações ideológicas. O romance vincula-se à atuação de uma militância intelectual preocupada não apenas com os aspectos propriamente literários, mas também com a disseminação de ideias relacionadas a um projeto de transformação social de viés marxista. Nesse contexto, surge o debate sobre um “romance proletário” que se afastasse do modelo do romance burguês, centrado na figura de um protagonista em conflito com a sociedade. Para tanto, era preciso que o herói individual cedesse espaço à massa, ao coletivo, e que o enredo, antes focado na trajetória desse herói, passasse a englobar as ações de múltiplos personagens, sem uma hierarquia definida entre eles.

Em **Capitães da areia**, há uma combinação desses dois eixos, pois o romance não é exclusivamente a história de Pedro Bala, o personagem principal. No livro, que possui várias tramas paralelas, são apresentadas as trajetórias dos integrantes de um grupo de meninos de rua, entre as quais se destaca a do protagonista, que assume um papel exemplar em sua passagem da marginalidade à luta política.

O caráter engajado de **Capitães da areia** explica aspectos do livro que, em algum momento, foram vistos como problemáticos pela crítica. Entre esses aspectos, pode ser citado o esquematismo na caracterização dos personagens – que existe para confirmar pressupostos políticos – e no desenvolvimento do enredo, aproximando-o do romance de tese naturalista – como exemplos podem ser citadas a idealização de Pedro Bala sob uma perspectiva maniqueísta e a heroicidade da pobreza, além da repetição didática de alguns lemas, como “a greve é a festa dos pobres” na última parte do livro. Esses aspectos não devem ser analisados como equívocos do autor na elaboração do romance; na verdade, constituem meios conscientemente delineados por Jorge Amado para atingir seus objetivos estético-ideológicos.



#Obra_e_vestibular

1. (ITA-SP) Sobre o romance **Capitães da areia**, de Jorge Amado, é **incorreto** afirmar que:

- a) se trata de um livro cuja personagem central é coletiva, um grupo de meninos de rua, e isso o aproxima de **O cortiço**, de Aluísio de Azevedo.
- b) as principais personagens masculinas são Pedro Bala, Sem-Pernas, Volta Seca, Pirulito e Professor, e a figura feminina central é Dora.
- c) há uma certa herança naturalista, visível na precoce e promíscua vida sexual dos adolescentes.
- d) os vestígios românticos aparecem em algumas cenas de jogos e brincadeiras infantis e na caracterização de Dora.
- e) todos os meninos acabam encontrando um bom rumo na vida, apesar das dificuldades.

2. (UFPE)

“Irmão... é uma palavra boa e amiga. Se acostumaram a chamá-la de irmã. Ela também os trata de mano, de irmão. Para os menores é como uma mãezinha. Cuida deles. Para os mais velhos é como uma irmã que brinca inocentemente com eles e com eles passa os perigos da vida aventureira que levam.

Mas nenhum sabe que, para Pedro Bala, ela é a noiva. Nem mesmo o Professor sabe. E dentro do seu coração Professor também a chama de noiva.”

(Jorge Amado: **Capitães da areia**.)

Considerando a obra e o autor do texto, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) O autor faz parte do romance regional de 30, quando se aprofundaram as radicalizações políticas na realidade brasileira.
- b) Jorge Amado representa a Bahia, “desco-brindo” mazelas, violências e identificando grupos marginalizados e revolucionários em **Capitães da areia**.
- c) Dora, Pedro Bala e Professor são alguns dos personagens da narrativa, que aborda a dramática vida dos camponeses das fazendas de cacau no sul da Bahia.

d) O tom da narrativa aproxima-se do Naturalismo, alternando trechos de lirismo e crueza. O nível de linguagem é coloquial e popular.

e) **Capitães da areia** pertence à primeira fase da produção de Jorge Amado, quando era notório seu engajamento com a política de esquerda. Daí o esquematismo psicológico: o mundo dividido em heróis (o povo) e bandidos (a burguesia).

3. (Fuvest-SP)

Inimigo da riqueza e do trabalho, amigo das festas, da música, do corpo das cabrochas. Malandro. Armador de fuzuês. Jogador de capoeira navalhista, ladrão quando se fizer preciso.

Jorge Amado, **Capitães da areia**.

O tipo cujo perfil se traça, em linhas gerais, neste excerto, aparece em romances como **Memórias de um sargento de milícias**, **O cortiço**, além de **Capitães da areia**. Essa recorrência indica que:

- a) certas estruturas e tipos sociais originários do período colonial foram repostos durante muito tempo, nos processos de transformação da sociedade brasileira.
- b) o atraso relativo das regiões Norte e Nordeste atraiu para elas a migração de tipos sociais que o progresso expulsara do Sul/Sudeste.
- c) os romancistas brasileiros, embora críticos da sociedade, militaram com patriotismo na defesa de nossas personagens mais típicas e mais queridas.
- d) certas ideologias exóticas influenciaram negativamente os romancistas brasileiros, fazendo-os representar, em suas obras, tipos sociais já extintos quando elas foram escritas.
- e) a criança abandonada, personagem central dos três livros, torna-se, na idade adulta, um elemento nocivo à sociedade dos homens de bem.

4. [Fuvest-SP] Considere as seguintes comparações entre **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, e **Capitães da areia**, de Jorge Amado:

- I. Quanto à relação desses livros com o contexto histórico em que foram produzidos, verifica-se que ambos são tributários da radicalização político-ideológica subsequente, no Brasil, à Revolução de 1930.
- II. Embora os dois livros comportem uma consciência crítica do valor da linguagem no processo de dominação social, em **Vidas secas**, essa consciência relaciona-se ao emprego de um estilo conciso e até ascético, o que já não ocorre na composição de **Capitães da areia**.
- III. Por diferentes que sejam essas obras, uma e outra conduzem a um final em que se anuncia a redenção social das personagens oprimidas, em um futuro mundo reconciliado, de felicidade coletiva.

Está correto o que se afirma em:

- | | |
|---------------------|-----------------------|
| a) I, somente. | d) II e III, somente. |
| b) I e II, somente. | e) I, II e III. |
| c) III, somente. | |

5. [Enem]

Texto I

Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

AMADO, J. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [fragmento].

Texto II

À margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixe, ergue-se o velho ingazeiro – ali os bêbados são felizes. Curitiba os considera animais sagrados, provê as suas necessidades de cachaça e pirão. No trivial contentavam-se com as sobras do mercado.

TREVISAN, D. **35 noites de paixão**: contos escolhidos. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009 [fragmento].

Sob diferentes perspectivas, os fragmentos citados são exemplos de uma abordagem literária recorrente na literatura brasileira do século XX.

Em ambos os textos:

- a) a linguagem afetiva aproxima os narradores dos personagens marginalizados.
- b) a ironia marca o distanciamento dos narradores em relação aos personagens.
- c) o detalhamento do cotidiano dos personagens revela a sua origem social.
- d) o espaço onde vivem os personagens é uma das marcas de sua exclusão.
- e) a crítica à indiferença da sociedade pelos marginalizados é direta.

6. [Fuvest-SP] Leia o texto.

[...] Muita gente o tinha odiado. E ele odiara a todos. Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo.

A praça toda fica em suspenso por um momento. “Se jogou”, diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio. O cachorro late entre as grades do muro.

Jorge Amado, **Capitães da areia**.



Elevador Lacerda. www.clickgratis.com.br.

Para responder ao que se pede, atente para as informações referentes à localização espacial dessa cena, na qual se narram a perseguição e a morte de Sem-Pernas.

- a) A cena se passa diante do conhecido Elevador Lacerda (foto da página anterior), que vem a ser um dos mais famosos “cartões-postais” de Salvador, Bahia. Qual é o efeito de sentido introduzido na cena por essa característica da localização espacial?

- b) Observe que o Elevador Lacerda, de uso público, situa-se no desnível brusco e pronunciado que, em Salvador, separa a “Cidade Alta” (parte mais moderna da cidade, considerada seu centro econômico) da “Cidade Baixa” (sobretudo portuária e popular). Que sentido essa característica do espaço confere à cena?

7. [Unicamp-SP]

Os guardas vêm nos seus calcanhares. Sem-Pernas sabe que eles gostarão de o pegar, que a captura de um dos Capitães da areia é uma bela façanha para um guarda. Essa será a sua vingança. Não deixará que o peguem. [...] Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição [...]. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. [...] Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio.

[Jorge Amado, **Capitães da areia**. 19ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 242-243.]

- a) Levando em conta o trecho em questão e a obra como um todo, qual é a imagem dos socialmente excluídos de quem Sem-Pernas é representativo no trecho?

- b) “Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam.” Diante dessa lembrança recorrente, evocada durante sua perseguição pelos policiais, qual é o sentido da simbólica vingança de Sem-Pernas?

8. (Fuvest-SP) Leia o seguinte excerto de **Capitães da areia**, de Jorge Amado, e responda ao que se pede.

O sertão comove os olhos de Volta Seca. O trem não corre, este vai devagar, cortando as terras do sertão. Aqui tudo é lírico, pobre e belo. Só a miséria dos homens é terrível. Mas estes homens são tão fortes que conseguem criar beleza dentro desta miséria. Que não farão quando Lampião libertar toda a caatinga, implantar a justiça e a liberdade?

Compare a visão do sertão que aparece no excerto de **Capitães da areia** com a que está presente no livro **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, considerando os seguintes aspectos:

- a) a terra (o meio físico);
b) o homem (o sertanejo).

Responda, conforme solicitado, considerando cada um desses aspectos nas duas obras citadas.

[illegible]

9. (Unicamp-SP) Leia o seguinte trecho do romance **Capitães da areia**, de Jorge Amado:

Agora [Pedro Bala] comanda uma brigada de choque formada pelos Capitães da areia. O destino deles mudou, tudo agora é diverso. Intervêm em comícios, em greves, em lutas obreiras. O destino deles é outro. A luta mudou seus destinos.

(Jorge Amado, *Capitães da areia*.)

São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 268.)

- a) Explique a mudança pela qual os Capitães da areia passaram e o que a tornou possível.

- b) Que relação se pode estabelecer entre esse desfecho e a tendência política do romance de Jorge Amado?

- 10.** (Fuvest-SP) Entre as variedades de preconceito enumeradas a seguir, aponte aquelas que o grupo dos “Capitães da areia” (do romance homônimo) rejeita e aquelas que acata e reforça: preconceito de raça e cor; de religião; de gênero (homem e mulher); de orientação sexual. Justifique suas respostas.

[illegible]

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Gabarito

1.E 2.C 3.A 4.B 5.D 6. a) O efeito de sentido é o contraste. De um lado, temos um dos pontos turísticos mais visitados de Salvador, com sua vista panorâmica sobre a parte baixa da cidade e o mar; do outro, o suicídio de Sem-Pernas, que choca os observadores. A beleza do local opõe-se à violência do ato do menino de rua. **b)** Essa característica evidencia a desigualdade social que separa a cidade entre ricos (Cidade Alta) e pobres (Cidade Baixa). Sem-Pernas, assim como os demais Capitães da areia, é uma vítima dessa desigualdade, que impele o personagem ao crime como uma das poucas alternativas de sobrevivência à sua disposição. É justamente por conta de suas atividades criminosas, cuja raiz está na desigualdade, que Sem-Pernas é perseguido, preferindo a morte a ser preso e brutalizado novamente pela polícia. **7. a)** Jorge Amado demonstra como os excluídos – vítimas de injustiça social e econômica – acabam se tornando alvo do aparelho repressivo do Estado. O autor procura revelar a raiz da criminalidade infantil, que, mais do que um problema de ordem moral, é um problema social, relacionado ao estado de miséria em que vivem os meninos de rua. **b)** Em vez de ser capturado e mais uma vez humilhado pela polícia – instituição de um Estado que deveria amparar e proteger os necessitados –, Sem-Pernas opta pelo suicídio como uma forma drástica de afirmar sua liberdade e autonomia diante da sociedade que o excluiu, tomando seu destino nas próprias mãos. Ao morrer em um ponto turístico, sob os olhos de todos, ele expõe a falsidade da imagem de uma harmonia social construída pela ordem pública. **8. a)** Apesar da pobreza dos que ali vivem, a paisagem do sertão é bela e encanta os olhos de Volta Seca, opondo-se à dureza da vida dos homens. Em *Vidas secas*, por sua vez, a paisagem é árida e hostil, em correspondência com a miséria dos personagens. **b)** Em *Capitães da areia*, temos a esperança de que os homens, por meio da revolta social e da revolução, possam se libertar da opressão e da miséria, construindo uma sociedade igualitária. Já em *Vidas secas*,

a família de Fabiano está presa num ciclo de pobreza para o qual os personagens não enxergam escapatória, a não ser no último capítulo, em que Sinhá Vitória sonha com uma vida mais confortável na cidade, onde os filhos poderiam estudar e ter um destino diferente dos pais. Contudo, mesmo em tal capítulo, o sonho se concentra apenas na melhoria das condições individuais, sem supor uma solução para a desigualdade como problema estrutural da sociedade. **9. a)** A princípio, os Capitães da areia eram um grupo de menores delinquentes que praticavam furtos e assaltos como forma de atender às suas necessidades imediatas de sobrevivência, que passaram a atuar como uma espécie de milícia junto aos movimentos políticos organizados, perseguindo um objetivo a longo prazo, que é o estabelecimento de uma nova ordem social, capaz de libertar toda a população da pobreza. **b)** Jorge Amado era um escritor ligado às ideias de esquerda e ao Partido Comunista e, na época em que escreveu *Capitães da areia*, propunha fazer uma literatura engajada, que servisse para conscientizar politicamente o público e propagar a ideologia socialista. O final do livro, que aponta a revolução no horizonte de expectativa da luta política na qual Pedro Bala e os Capitães da areia se envolvem, coaduna-se com a visão do autor, que acreditava que a marcha da história, com a derrocada do capitalismo por meio da ação revolucionária das classes sociais mais oprimidas. **10.** Uma vez que os Capitães da areia são um grupo formado por indivíduos de vários perfis étnicos, desde os mais brancos, como Pedro Bala, até os negros, como João Grande, entre eles não há preconceito de raça, assim como não há preconceito religioso, pois acolhem meninos católicos (Pirulito) e do candomblé, como demonstra a proximidade entre o padre José Pedro e a mãe-de-santo Don'Aninha. Entretanto, o grupo, até a chegada de Dora, não aceitava meninas (preconceito de gênero), e Pedro Bala resolvera expulsar os homossexuais por indicação de padre José Pedro (preconceito de orientação sexual).